

O papel da dança para pessoas com deficiência mental segundo profissionais que atuam nas APAEs da região de Campinas

Karen Piva Juan de Freitas; Aletha S Caetano; Maria da Consolação Gomes
Cunha Fernandes Tavares.

Faculdade de Educação Física- Universidade Estadual de Campinas.

A dança é uma atividade que possibilita a expressão da arte através de movimentos corporais, é uma maneira prazerosa de se adquirir conhecimentos e praticar atividade física, trazendo, assim, muitos benefícios para as pessoas, inclusive pessoas com deficiência mental. Para (FURLAN, MOREIRA, & RODRIGUES, 2008) todo ser humano tem a necessidade de expressar-se corporalmente e a dança é uma forma para que o homem expresse suas emoções e sentimentos. Desde o surgimento do homem a dança é executada a partir de dois objetivos principais: forma de comunicação (seja com outros homens ou com o sagrado – forças superiores) e para demonstrar sentimentos e emoções de qualquer origem. Devido ao surgimento da sensibilidade artística e a predominância do elemento estético, a dança sofreu um refinamento e foi, cada vez mais, adquirindo forma. (GARRET, 1993) diz que a dança é uma forma singular de ver e explorar o mundo e, pode levar as pessoas à refletirem sobre elas mesmas, sobre a sua cultura e sobre seu modo de viver. A autora ressalta, que a dança é diferente das outras atividades físicas a partir do momento que ela não enfatiza o movimento servindo para um fim ou resultado, a ênfase é dada para o significado do movimento. Segundo GOMES (2008) “é através do movimento que adquirimos conhecimento sobre o nosso corpo e sobre o mundo que, em última instância caracterizam-se em conhecimentos sobre nós mesmos”.

Contudo, no universo da dança, a exigência de um corpo perfeito, com padrões definidos de beleza e perfeição, é parte do discurso de muitos daqueles que atuam na área, em estilos e linguagens de diferentes danças. Talvez

as exigências ligadas à estética corporal, possam ser responsáveis pela escassez de pesquisas que aborde a dança e a pessoa com deficiência. “Não se trata de apenas um corpo ‘deficiente’ numa sociedade considerada ‘saudável’; trata-se de uma concepção de sociedade, inclusa todas as suas fragmentações e contradições, e de uma concepção de ser humano não perfeccionista, não absoluta, negadora pela sua própria materialidade, do modelo de estética e fisiologicamente padronizado.” (ANCONA, 2008). Segundo Ferreira (2003), a relação entre a deficiência e a dança traz efeitos que foram construídos anteriormente sustentando sentidos do antiestético. A forma com que o dançarino deficiente se movimenta no espaço reforça a idéia acima mencionada. Esse sentido antiestético evidenciado a cada movimento, contribui para que a dança para deficientes seja posta a margem social.

O objetivo desta pesquisa foi identificar qual o papel da dança para pessoas com deficiência mental, através da opinião dos profissionais que trabalham com estas pessoas, verificando, também se existem trabalhos com este enfoque, e que profissionais exercem essa função.

A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva exploratória. Os sujeitos foram profissionais que trabalhavam nas Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais da Região Metropolitana de Campinas e nas instituições especializadas da cidade de Paulínia. Entre eles identificamos pedagogos, fisioterapeutas, professores de educação física, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e psicólogos. Elaboramos um questionário com 11 questões, que depois de submetido à julgamento, obteve a aprovação do comitê de ética. Damos início ao processo da pesquisa de campo, separando as APAEs por região e criando um roteiro de visitas para entrega dos questionários. Todos os questionários foram numerados para controle e identificação das entidades. Fizemos contato telefônico com cada instituição, solicitando autorização da diretora para coleta dos dados. Os questionários foram entregues em mãos juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido que foi devidamente assinado por todos os sujeitos. Foram distribuídos 250 questionários em 19 instituições que trabalham com pessoas com deficiência mental na Região

Metropolitana de Campinas, e recolhidos 228 (91,2%) dos quais 28 não foram respondidos. Foram avaliados 200 questionários (80%).

Os resultados nos proporcionaram a Identificação de 12 instituições que realizavam trabalho com dança. As principais formações profissionais apresentadas pelos sujeitos que participaram da pesquisa foram: pedagogia, professor de educação física, fisioterapia, fonoaudióloga, terapia ocupacional, psicologia e assistência social. Apesar das instituições não apontarem profissionais especializados em dança, 63% das instituições possuem trabalhos nesta área. Dentre esses trabalhos alguns são desenvolvidos apenas em épocas festivas como festa junina e comemorações de fim de ano. Nas instituições onde o trabalho é realizado o ano todo, não foi citada a existência de uma proposta sistematizada para a realização desse trabalho. Encontramos diversos tipos de profissionais trabalhando com dança. Entre esses profissionais podemos citar: professores de educação física, psicólogas, fonoaudiólogas, pedagogas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e estagiárias de pedagogia e educação física. Em algumas instituições, observamos que as respostas a respeito da existência de um trabalho com dança e qual profissional desenvolvia esse trabalho dentro da mesma instituição foram divergentes.

Na opinião dos sujeitos da pesquisa, a dança adaptada se enquadra na categoria terapia (33%), expressão artística (33%), atividade física (30.9%), manifestação cultural (26.9%) e outros (9%). Essa última categoria abordou temas relacionados à socialização, inclusão, integração, desenvolvimento motor, lazer, musicalização, discriminação auditiva, melhora das relações interpessoais, coordenação, equilíbrio.

Na questão relacionada ao papel da dança para pessoas com deficiência mental, foram formadas a partir da análise de conteúdo das respostas 11 categorias a saber: Expressão, Atividade física, Valorização pessoal, Vivência da dança, Terapia, Qualidade de vida, Aspecto social, Aspecto cognitivo, Desenvolvimento motor, Emoção e Outros.

Observamos que a partir das condições com que a dança tem sido desenvolvida nestas instituições, ela não está cumprindo seu papel enquanto

forma de expressão corporal, cultural e de auto-conhecimento. São necessárias estratégias que busque desenvolver a dança com mais seriedade, com profissionais especializados que integre seus conhecimentos, atendendo as necessidades dos indivíduos com deficiência mental e possibilitando a essas pessoas, a descoberta de novas possibilidades de movimento.

A dança para pessoas com deficiências, não deve significar apenas a transposição de barreiras e afirmação de conquistas diante da sociedade. Seu significado deve transcender os aspectos físicos do corpo deficiente. Ao contrário estaremos condenados a uma análise medíocre que padroniza os movimentos da dança para esses indivíduos, nos distanciando da subjetividade implícita no corpo que dança. Nesse contexto, o aspecto simbólico do movimento expressivo não é evidenciado. Através do movimento somos capazes de reconhecer nosso corpo: “os movimentos são repletos de significados para quem se movimenta e para as outras pessoas ao redor, são resultantes das relações do indivíduo consigo mesmo e com o mundo e são decisivos para o delineamento das experiências corporais” (TAVARES, 2003). A mesma autora nos convida a refletir sobre a dança para pessoas com deficiências a partir de duas vertentes. A primeira relaciona a dança como uma experiência corporal diferenciada, que nos chama a atenção a aceitar e a reconhecer as diferenças. A segunda nos dirige ao encontro de uma linguagem simbólica, ao nosso corpo como elemento expressivo, uma dança universal que comunica e une profundamente cada pessoa naquilo que possui de mais profundo que é a sua condição humana. Leventhal & Shawartz (1989), relatam que na dança criativa o indivíduo, não precisa comparar sua performance com a de ninguém. Segundo a autora a dança “[...] permite às pessoas desenvolverem orgulho no que seus corpos são capazes de fazer ao invés de focalizar no que não pode ser feito”.

Nesse sentido, os profissionais que trabalham com a dança para pessoas deficientes, não devem enfatizar suas atividades apenas a favor dos aspectos físicos e sociais que apenas nos remete a uma discussão já existente na sociedade no âmbito político, social e educacional da pessoa com deficiência. Esse profissional deve estabelecer um olhar mais abrangente, propondo

estratégias que permitam novas possibilidades de movimento através da dança para seus alunos. A experiência corporal é construída mediante vivências experienciadas no passado, presente e futuro, e não cessa enquanto houver vida, enquanto houver movimento. E esse movimento deve ser significativo, deve expressar a subjetividade desse indivíduo, deve revelar seus desejos, seus anseios e aspirações, deve representar sua identidade como ser humano, como ser único e transformador.

Concluimos que embora para a maioria dos profissionais de várias áreas, a dança traga diversos benefícios para as pessoas com deficiência mental nas esferas física, atua como estratégica terapêutica, educativa e de inclusão social, de uma forma geral, parece difícil conceber que esses indivíduos possam produzir cultura e experienciar novos movimentos. Essa visão pode distanciar a pessoa com deficiência de vivenciar novos sentimentos e validar sua identidade através de experiências corporais que promovam um contato consigo, um contato com o outro e com o ambiente onde estabelece suas relações.

ANCONA, C. (2008). A eficiência do corpo deficiente: um estudo sobre a ótica da teoria da complexidade. *Movimento e Percepção*, 200.

FERREIRA, E. L. (2003). Corpo-movimento deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeiras de rodas e seus processos de significação. *Tese (Doutorado em Educação Física)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

FURLAN, S., MOREIRA, V. A., & RODRIGUES, G. M. (2008). Esquema Corporal em Indivíduos com Síndrome de Down: Uma Análise Através da dança. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 238.

GARRET, R. (1993). The influence of educational dance program on female adolescent self-esteem, body image and physical fitness. *INTERNATIONAL ASSOCIATION of PHYSICAL EDUCATION and SPORTS for GIRLS and WOMEN*, 12.

GOMES, F. F. (2008). Imagem Corporal e Atividade Física: Um Estudo do Centro de Internação de Adolescentes de Jataí/Goiás. *IV Simpósio de Educação Sudeste Goiano*. Jataí: Anais congresso de Pedagogia.

LEVENTHAL, M.B.; SHAWARTZ, J.G.(1989). The dance of life: dance and movement therapy for the older adult. *Geriatric Rehabilitation*. v.4, n.4, p. 67-73.

TAVARES, M. D. (2003). *Imagem Corporal: conceito e desenvolvimento*. Campinas: Manole.